



A CONCEPÇÃO DAS MÃES ACERCA DA DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL

Jaciara de Lira Almeida Dantas; Patrícia Oliveira de Andrade; Arineyde Maria D'Almeida
Alves de Oliveira; Jérssia Laís Fonseca dos Santos.

Universidade Federal da Paraíba, jaciaraadantas@hotmail.com

Resumo: A família exerce um papel fundamental no crescimento e desenvolvimento das crianças com deficiência intelectual, especialmente as mães, as quais se destacam como figura central no cuidado dos filhos. Nesta perspectiva, esse trabalho teve como objetivo conhecer a concepção das mães acerca da deficiência intelectual dos filhos, tendo em vista que o conhecimento se torna um instrumento essencial que propiciará a mãe uma melhor compreensão do desenvolvimento do seu filho, fator que contribuirá para a inclusão destas crianças nos diversos contextos sociais, sobretudo no espaço escolar. Trata-se de uma pesquisa de campo, da qual participaram seis mães de crianças com deficiência intelectual. As mães foram entrevistadas e relataram o seu conhecimento sobre os aspectos relacionados à deficiência intelectual de seus filhos e as expectativas acerca do desenvolvimento destes. Os dados obtidos foram analisados qualitativamente. A partir das interpretações dos resultados, pôde-se compreender que as mães identificam nos seus filhos características da deficiência intelectual, como comprometimento cognitivo, dificuldades motoras, de aprendizagem e na comunicação, além de conseguirem perceber habilidades e competências desempenhadas pelos seus filhos. Contudo, demonstraram ter poucas expectativas em relação às possibilidades de crescimento no futuro, evidenciando necessitar de um suporte especializado que possa fornecer orientações claras e objetivas acerca da deficiência intelectual.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual. Mães. Inclusão.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca da Deficiência Intelectual vêm tomando nova forma no que se refere ao termo e características específicas apresentadas pela pessoa com deficiência. Isso porque nas sociedades antigas, as crianças que apresentavam qualquer tipo de deficiência eram exterminadas, abandonadas ou, por outro lado, separadas como ser especial na perspectiva religiosa (CAIADO, 1993). No século XX iniciaram-se efetivamente os estudos científicos sobre a deficiência intelectual, os historiadores consideram que o que se tem do período anterior é inconsistente acerca da concepção e caracterização do fenômeno.

Assim, as concepções sobre deficiência intelectual foram se ampliando, em parte como consequência das mudanças ocorridas nas sociedades e no campo científico. No século XX a concepção de deficiência intelectual foi associada à perspectiva exclusivamente organicista. A partir daí, com a origem da psicometria, ela passa a ser fundamentada também no grau de inteligência, logo, a medida do Quociente de Inteligência (QI) foi utilizada durante muitos anos como único parâmetro de definição.



Na atualidade, a Deficiência intelectual (DI) é definida pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2014) como um transtorno do desenvolvimento que inclui déficits funcionais, tanto intelectuais quanto adaptativos, nos domínios conceitual, social e prático. Portanto, para o diagnóstico da DI devem ser preenchidos os três critérios apresentados no Manual:

A. Déficits em funções intelectuais como raciocínio, solução de problemas, planejamento, pensamento abstrato, juízo, aprendizagem acadêmica e aprendizagem pela experiência confirmados tanto pela avaliação clínica quanto por testes de inteligência padronizados e individualizados.

B. Déficits em funções adaptativas que resultam em fracasso para atingir padrões de desenvolvimento e socioculturais em relação a independência pessoal e responsabilidade social. Sem apoio continuado, os déficits de adaptação limitam o funcionamento em uma ou mais atividades diárias, como comunicação, participação social e vida independente, e em múltiplos ambientes, como em casa, na escola, no local de trabalho e na comunidade.

C. Início dos déficits intelectuais e adaptativos durante o período do desenvolvimento.

Segundo o DSM-V, 2014, o diagnóstico da deficiência intelectual equivale ao diagnóstico da CID-11 de transtornos do desenvolvimento intelectual. Esse manual esclarece também o termo Deficiência Intelectual e é, em geral, utilizado comumente entre os profissionais da Saúde, Educação, Judiciais e leigos para especificar a gravidade da deficiência, sendo essa classificada como: Leve, Moderada, Grave e Profunda.

A pessoa com *Deficiência Intelectual Leve* apresenta dificuldades para aprender habilidades que envolvam leitura, escrita, matemática, noção de tempo ou valor de dinheiro. Em situações sociais, o julgamento social é imaturo. Nas questões práticas, a pessoa necessita de orientações para os cuidados com a saúde e suporte para tomada de decisões importantes como escolha profissional.

Na *Deficiência Intelectual Moderada*, as habilidades conceituais se apresentam com nível abaixo do esperado para a idade, as aprendizagens acadêmicas são mais lentas e em geral a pessoa necessita de assistência contínua até a vida adulta, as limitações na comunicação com pessoas neuroatípicas também é uma forte característica. O autocuidado é preservado exigindo suporte apenas em questões mais organizacionais e complexas, da mesma forma nas atividades de vida diária e profissional.

A *Deficiência Intelectual Grave* é caracterizada pelo forte comprometimento das habilidades conceituais diárias e acadêmicas. No domínio social a comunicação é compreendida por meio de gestos simples e diretivos, a pessoa com essa deficiência deposita



maior confiança na família ou amigos mais próximos necessitando de suporte constante para todas as atividades do cotidiano. Na *Deficiência Intelectual Profunda* a aprendizagem é bastante limitada, visto que a compreensão de conceitos são especialmente adquiridos por meio do manuseio de matérias concretos e associações, portanto o prejuízo das habilidades físicas e sensoriais interferem fortemente nesse processo, tal prejuízo se estende às relações sociais uma vez que a pessoa tende a se comunicar por meio de gestos e emoções. As atividades práticas necessitam de suporte intensivo.

Portanto, percebe-se que as crianças com deficiência intelectual necessitam de atenção e cuidados específicos. Nesses casos a família exerce um papel fundamental no crescimento e desenvolvimento dessas crianças, especialmente as mães, as quais se destacam como figura central no cuidado dos filhos.

Estudos revelam que as mães desempenham um papel quase absoluto na educação e desenvolvimento dos filhos com deficiência intelectual, sem levar em conta a participação de outras pessoas nesse processo (CAMARGO, 2000; BARBOSA, 2008). Entretanto, é relevante ressaltar que muitas mães têm dificuldades em entender o ritmo diferenciado de desenvolvimento e aprendizagem dos filhos, bem como suas potencialidades e limitações.

Evani Camargo (2000) aponta em sua tese que a expectativa alta das mães em relação ao filho é recorrente, elas se mostram e se dizem frustradas pelo que o filho não consegue realizar e, ao mesmo tempo, sentem-se incomodadas por ter essa exigência. Maria Barbosa *et al.* (2008) também destacam que o desconhecimento e a falta de informação das mães acerca da deficiência do filho, faz com que elas não saibam nortear suas atitudes.

Diante disso, percebe-se a necessidade dessas mães receberem o maior número possível de informações, que tenham suas dúvidas esclarecidas para que possam decidir com maior segurança os recursos e condutas primordiais para o bom desenvolvimento de seu filho. Portanto, pensa-se que estudar a concepção das mães acerca da Deficiência Intelectual se faz um exercício necessário, especificamente, analisando o entendimento delas sobre os aspectos relacionados à deficiência, a identificação das características e as expectativas acerca do desenvolvimento de seus filhos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi de natureza qualitativa, teve como objetivo analisar a concepção que as mães têm acerca da Deficiência Intelectual dos seus filhos. Participaram da pesquisa seis mães que tinham filhos com diagnóstico de deficiência intelectual, atendidos numa instituição especializada no tratamento destes deficientes. A média de idade das mães era de 40,3 anos. A



maioria delas apresentava uma situação socioeconômica desfavorecida, e tinha cursado ao menos o Ensino Fundamental.

Como técnica de coleta de dados foi escolhida a entrevista focalizada, que permite ao entrevistado falar livremente sobre um assunto específico (GIL, 2010). Desse modo, buscou-se obter o relato das mães sobre suas experiências através de entrevistas que tiveram uma pergunta norteadora: “Para você, o que é Deficiência Mental?”, (usou-se esse termo para facilitar a compreensão das mães, uma vez que apesar de ter sido substituído pelo termo deficiência intelectual, ainda é bastante utilizado, principalmente por estas), que possibilitava um diálogo, em que, na figura de pesquisadora, procurou-se apreender o significado da Deficiência Intelectual, dos aspectos relacionados à deficiência, a identificação das características e as expectativas acerca do desenvolvimento de seus filhos.

As entrevistas foram realizadas individualmente, seguindo os princípios da Ética em Pesquisa, com toda informação às mães acerca de sua participação na investigação. Após consentimento, iniciaram-se as entrevistas, que foram gravadas e depois transcritas na íntegra. Os dados analisados foram categorizados e distribuídos em tabelas conforme pode ser observado a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo conhecer a concepção das mães acerca da deficiência intelectual de seus filhos. Para alcançar tal objetivo, foi realizado um grupo focal com as mães que falaram livremente sobre seu entendimento sobre a deficiência, identificando características, apontando dificuldades, limitações e habilidades apresentadas pelos seus filhos, e relatando suas expectativas em relação ao futuro deles. Com base nos resultados, percebeu-se a necessidade de elaborar ações com o intuito de fornecer as mães informações mais claras e objetivas acerca da deficiência intelectual, contribuindo assim para o bom desenvolvimento de seus filhos.

Entrevistas com as mães

Os dados obtidos na entrevista foram analisados e categorizados, conforme são apresentadas nas tabelas a seguir.

Tabela 1. Identificação da Deficiência Intelectual

Aspectos	Características citadas	Quantidade	Percentual
-----------------	--------------------------------	-------------------	-------------------



Locomoção	Demorou a andar; não engatinhava; pouco equilíbrio; dificuldade motora.	10	28,5%
Cognitivos e Pessoais	Diferente das outras crianças; boba; lenta; agressiva; tímida.	08	22,9%
Comunicação e Linguagem	Demorou a falar; dificuldade na fala; conversava sozinha; fala pouco.	08	22,9%
Desempenho escolar	Desaceleração na aprendizagem; dificuldade em aprender; atraso escolar; dificuldade em matemática.	08	22,9%
Segurança	Não tem noção de perigo.	01	2,8%
Total		35	100%

Fonte: Entrevista em 2015.

Conforme demonstrado na **Tabela 1**, apresenta-se a quantidade e o percentual dos principais aspectos relacionados à deficiência mental na perspectiva das mães. As mães indicaram sua compreensão acerca da deficiência através de 35 palavras, sendo 28,5% relacionadas à locomoção (*ex.: dificuldade motora*); 22,9% aos aspectos cognitivos e pessoais (*ex.: lenta; agressiva*); 22,9% à comunicação e linguagem (*ex.: fala pouco*); 22,9% ao desempenho escolar (*ex.: dificuldade em Matemática*) e 2,8% à segurança (*ex.: não tem noção de perigo*).

Fazendo uma análise sobre os dados apresentados, pôde-se verificar que as participantes conhecem e identificam aspectos relacionados à deficiência intelectual, além de pontuarem dificuldades e limitações impostas por esse tipo de deficiência, como na aprendizagem no âmbito escolar, atraso de linguagem oral, comprometimento motor, segurança, entre outros.

É importante ressaltar que os aspectos levantados pelas mães estão de acordo com os critérios adotados pelo DSM-V (2014) para o diagnóstico da deficiência intelectual. Segundo o Manual, a deficiência intelectual é caracterizada por déficits em capacidades mentais genéricas (Critério A) e prejuízo na função adaptativa diária em comparação com indivíduos da mesma faixa etária, gênero e aspectos socioculturais (Critério B). Sobre o funcionamento adaptativo, o DSM-V (2014), esclarece que:

O funcionamento adaptativo envolve raciocínio adaptativo em três domínios: conceitual, social e prático. O domínio conceitual (acadêmico) envolve competência em termos de memória, linguagem, leitura, escrita, raciocínio matemático, aquisição de conhecimentos práticos, solução de problemas e julgamento em situações novas, entre outros. O domínio social envolve percepção de pensamentos, sentimentos e experiências dos outros; empatia; habilidades de comunicação interpessoal; habilidades de amizade; julgamento social; entre outros. O domínio prático envolve aprendizagem e autogestão em todos

os cenários de vida, inclusive cuidados pessoais, responsabilidades profissionais, controle do dinheiro, recreação, autocontrole comportamental e organização de tarefas escolares e profissionais, entre outros (DSM-V, 2014).

Visto que a DI é caracterizada pelo comprometimento das habilidades do indivíduo em diferentes áreas, os dados da pesquisa sugerem que a maioria das mães identifica com mais facilidade aspectos relacionados à locomoção (Ex.: *demorou a andar*). Este fato pode estar relacionado à fácil identificação das dificuldades da criança com DI em adquirir habilidades motoras, como sentar e andar, logo nos primeiros anos de vida, dificuldades estas associadas ao retardamento maturacional comum nesse tipo de deficiência (MARCELLI; COHEN, 2010). Além disso, o baixo funcionamento intelectual contribui para a lentidão destas aquisições, como para o desempenho acadêmico precário e inadequação no ajustamento social (TELFORD; SAWREY, 1988).

Tabela 2. Habilidades e competências

	Habilidades apresentadas	Quantidade	Percentual
Domésticas	Lavar louças; varrer casa.	02	14,3%
Relações interpessoais e sociais	Sociável; carinhosa; meiga; obediente.	05	35,7%
Artes e Literatura	Dançar; cantar; contar e ouvir histórias de livros e filmes; leitura.	07	50%
Total		14	100%

Fonte: Entrevista em 2012.

Com relação às habilidades e competências, as mães afirmaram que seus filhos são melhores nas atividades artísticas e literatura (50%); seguidos de relações interpessoais e sociais com 35,7%; e tarefas domésticas com 14,3%.

Este resultado demonstra que as mães conseguem observar habilidades e competências em seus filhos, apesar de suas limitações intelectuais. Esta percepção corrobora com a visão de Cardozo e Soares (2011) sobre a importância dessas habilidades no desenvolvimento de comportamentos mais adequados que permitam melhor satisfação pessoal e autonomia nos indivíduos com DI. Além disto, pode-se perceber a arte como forma de expressão de sentimentos, o que também estimula a autoestima e o desenvolvimento afetivo, facilitando com isso a interação social e melhor adaptação na sociedade (BEDIN; BINOTTO, 2012).

Tabela 3. Expectativas para o futuro



	Expectativas	Quantidade	Percentual
Autonomia	Conseguir manter-se; ser independente.	03	30%
Incerteza	Não sei o que esperar; não sei responder.	03	30%
Profissionalização	Fazer faculdade; exercer uma profissão.	02	20%
Realização pessoal	Fazer o que goste; futuro tranquilo.	02	20%
Total		10	100%

Conforme indica a tabela acima, as mães apresentaram expectativas mais direcionadas para a autonomia dos filhos (30%) e para a incerteza do futuro (30%); 20% para realização pessoal e 20% para a profissionalização.

Este resultado assemelha-se com os encontrados por Glat e Duque (2003), que em uma pesquisa qualitativa com dezesseis pais de filhos com necessidades especiais, concluíram que a preocupação com a incerteza do futuro de seus filhos faz com que os pais se dediquem a dar a eles uma educação que, principalmente, possa propiciar competências que garantam maior independência e autonomia possível na vida adulta.

Com base nas informações coletadas nas entrevistas, percebeu-se que as mães identificam nos seus filhos características da deficiência intelectual, como comprometimento cognitivo, dificuldades motoras, de aprendizagem e na comunicação. Além disso, conseguem perceber habilidades e competências desempenhadas pelos seus filhos. Em contraste, apresentaram dificuldades em perceber as potencialidades de seus filhos e demonstraram ter poucas expectativas em relação às possibilidades de crescimento no futuro.

De acordo com Carvalho (2000), acredita-se que as limitações maiores na deficiência intelectual não estão relacionadas com a deficiência em si, mas com a credibilidade e as oportunidades que são oferecidas às pessoas com deficiência intelectual. Para a autora, a vida de uma pessoa deficiente passa a girar em torno de sua limitação ou incapacidade, quando as suas potencialidades e aptidões não são levadas em conta. Estudos demonstram que os problemas enfrentados pelo indivíduo que apresenta deficiência intelectual são mais de limitações e deficiências da sociedade e do meio, do que do próprio organismo deficiente.

Uma pessoa só pode ser deficiente perante uma audiência que a considera, segundo seus critérios como deficiente. Portanto, não se pode pensar a questão da deficiência sem se analisar o tipo de relação que as pessoas, de modo geral, estabelecem com os indivíduos deficientes intelectuais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se concluir que as participantes conhecem e identificam aspectos relacionados à deficiência intelectual, além de perceberem dificuldades e limitações impostas pela deficiência, como a dificuldade de equilíbrio, a demora na aquisição de linguagem e as dificuldades acadêmicas. Por outro lado, reconhecem em seus filhos habilidades e competências no desenvolvimento de atividades, sobretudo aquelas que envolvem a arte e a literatura.

As mães demonstraram ter poucas expectativas em relação ao futuro de seus filhos, revelando a necessidade de receberem orientações sobre as possibilidades de desenvolvimento destes. As orientações realizadas de forma clara e compreensível durante a intervenção possibilitaram às mães o conhecimento acerca da deficiência dos filhos, oferecendo recursos que possibilitem tomar decisões seguras acerca do desenvolvimento de seu filho.

Considera-se que as intervenções realizadas com as mães surtiram um efeito positivo, porém compreende-se que três encontros não sejam suficientes para alterar significativamente a percepção destas mães sobre as possibilidades de crescimento pessoal, acadêmico e profissional de seus filhos. Assim, torna-se importante ressaltar a necessidade de fornecer mais orientação para as famílias de crianças com DI, oportunizando mais informações sobre o tipo de deficiência e consequências para o desenvolvimento de seus filhos, bem como das estratégias que podem ser desempenhadas para favorecer o aprimoramento de habilidades e competências, buscando assim, promover uma melhor qualidade de vida, tanto para os familiares, quanto para o indivíduo com deficiência intelectual.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M.S.F. **Integração social do deficiente: análise conceitual e metodológica.** Temas em Psicologia, 2, 1995.

BARBOSA, MAM; CHAUD, MN; GOMES, MMF. **Vivências de mães com um filho deficiente: um estudo fenomenológico.** Acta Paul Enferm. Vol.21,n 1, p.46-52. 2008

BEDIN, T. BINOTTO, R. Educação e Arte: estimulação cognitiva em deficiência intelectual. **Rev. Eletrônica sustentabiliarte**, 2012. Disponível em:
<https://sustentabiliarte.wordpress.com/2012/09/29/educacao-e-arte-estimulacao-cognitiva-em-deficiencia-intelectua/>



CAIADO, K.R.M. **Concepções sobre Deficiência Mental Reveladas por Alunos Concluintes do Curso de Pedagogia – Habilitação Deficiência Mental.** 1993. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 1993

CAMARGO, EAA. **Concepções da deficiência mental por pais e profissionais e a constituição da subjetividade da pessoa deficiente.** 2000. Tese de doutorado. Universidade Federal de Campinas – Faculdade de Educação. Campinas, 2000

DSM-V. **Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais.** Trad. Claudia Dornelles; 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Deficiência Mental, vida adulta e cidadania - Educação Especial. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=dIg8q5ctsd&hd=1>>

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GLAT, R; DUQUE, M. A. T. **Convivendo com crianças especiais: o olhar paterno.** Rio de Janeiro: Sette Letras, 2003

KIRK, A.S; GALLAGHER, J.J. **Educação da criança excepcional** (tradução Marília Zanella Sanvicente). 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCELLI D; COEH, D. **Infância e Psicopatologia.** 8ª ed. Porto Alegre: Artemed, 2010

PESSOTI, I. **Deficiência mental: da superstição à ciência.** São Paulo: EDUSP, 1994

SANTOS, J.R.M. **O Lúdico, a educação e a aprendizagem.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação, 2010.

TELFORD, C.W; SAWREY, J.M. **O indivíduo excepcional** (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora, 1988

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 13.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Thaís Bedin e Rosângela Ferigolo Binotto. Educação e Arte: estimulação cognitiva em deficiência intelectual setembro 29, 2012 por sustentabiliarte.